


**LÍNGUA TERENA: MARCAÇÃO DE POSSE E SENTIDOS**

**EARTH LANGUAGE: MARKING POSSESSION AND MEANINGS**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.051-012>

**Elisângela Leal da Silva Amaral**

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

**Rafael Antônio Pinto**

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

**RESUMO**

Este texto se compõe a partir da fase inicial de uma pesquisa, que se ocupa de analisar lacunas na literatura específica sobre a marcação de posse em língua Terena observando, além de questões de fonologia e morfologia, as questões semânticas que justifiquem os usos. Nesse sentido o objetivo geral do trabalho proposto é levantar os possíveis critérios que justifiquem ou não a organização dos nomes em dois grupos: *alienáveis* e *não alienáveis*; fundamentando a marcação morfológica mais completa (marcador de primeira pessoa do singular + sufixo -na), menos completa (marcador de primeira pessoa do singular). A base teórica utilizada para justificar as classificações atuais não têm sido suficientes para responder ao falante professor Terena. Por meio de levantamento de dados por pesquisa de campo, amparados pelo referencial teórico da Semântica Cultural, pretende-se organizar um *corpus* suficiente para observar as relações de sentido entre a língua(gem) e a cultura e, assim, depreender os critérios cabíveis para a realidade da língua Terena atual. Nesta fase inicial de pesquisa, o que se tem são registros coletados em campo sobre as questões, lacunas e um levantamento parcial de dados coletados sendo contrastados com dados de três obras: “Aprenda Terena 1 e 2 e “Aspectos gramaticais da língua terena”.

**Palavras-chave:** Língua Terena; Sentido(s); Marcação de posse.

**ABSTRACT**

This text is based on the initial phase of a research project that analyzes gaps in the specific literature on possession marking in the Terena language, observing not only phonological and morphological issues, but also the semantic issues that justify its uses. In this sense, the general objective of the proposed work is to identify possible criteria that justify or not the organization of nouns into two groups: alienable and non-alienable; grounding the more complete morphological marking (first-person singular marker + suffix -na), and the less complete (first-person singular marker). The theoretical basis used to justify current

classifications has not been sufficient to answer the needs of Terena teachers. Through data collection via field research, supported by the theoretical framework of Cultural Semantics, the intention is to organize a corpus sufficient to observe the semantic relationships between language and culture and, thus, to deduce the criteria applicable to the reality of the current Terena language. In this initial research phase, we have records collected in the field regarding the issues, gaps, and a partial survey of collected data, which are contrasted with data from three works: “Learn Terena 1 and 2” and “Grammatical Aspects of the Terena Language”.

**Keywords:** Terena Language; Meaning(s); Possession marker.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: (DES)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Pensar as questões sobre uma língua indígena, no nosso caso, pensar sobre a Língua Terena, requer mais que um posicionamento teórico, muitas vezes requer um “tatear” de teorias aliado a estabelecimento de vínculos entre uma e outra, por vezes construções e/ou desconstruções.

Orlandi (2009, p.13) considera

que a pesquisa de campo tal como ela tem-se dado quando a língua é a língua indígena segue princípios e métodos que se atêm ao naturalismo e que de certo modo des-historicizam e mesmo apagam o aspecto cultural que faria parte desta observação. E isto para mim mostra uma contradição. Chama-se a pesquisa com línguas indígenas (ou “exóticas”) de linguística antropológica (por que analisar a língua inglesa não faz parte da linguística antropológica?). se assim é chamada esta lingüística é porque aspectos antropológicos deviam ser contemplados na análise. Mas o que se vê é a aplicação dos métodos da linguística formal (dominância da Tagmêmica, Pike). A meu ver, só tem sentido falar em linguística antropológica se cultura for constitutiva e não apenas um apêndice. (Orlandi. 2009, p.13-14).

Apesar de longa, a citação anterior fundamenta um certo ponto de dificuldade posicionado entre a produção acadêmica, o avanço das teorias linguísticas e as lacunas visualizadas e vivenciadas por indígenas Terena com quem temos<sup>1</sup> discutido fatos de língua ou “lacunas” na Língua Terena. Nesse sentido, a experiência de tão renomada pesquisadora vem nos amparar em certas angústias que resultam da observação do tratamento que a sociedade externa destina aos indígenas – o que, de certo modo, ainda não exclui de todo a academia. Questões que se iniciaram no chamado “descobrimento do Brasil” (Amaral, 2024, p. 139), e que se estenderam pelo processo de “colonização” (Idem.). Questões que nos levam a refletir se nossas pesquisas são benéficas para os povos indígenas, no sentido de contribuírem para as necessidades deles ou se apenas são, de algum modo, continuidade desse processo exploratório.

---

<sup>1</sup> Não desconsiderando que este texto é escrito a quatro mãos: duas Terena e duas Purutuye-kopenoti (não indígena-indígena)

Outra reflexão importante para o pesquisador de questões indígenas está relacionado ao modo como as pesquisas são devolvidas e registradas. É preciso observar se a linguagem ou referencial teórico permite o acesso deles, ou seja, se ao buscar elucidar uma dada questão, a resposta vem de modo claro - sendo “claro” do ponto de vista do público/leitor indígena (Mesmo pensando em categorias: professores, por ex.).

Afinal, segundo Geraldi (2012, p. 37-38): “O pesquisador relaciona-se com seus outros: aqueles que são os sujeitos de sua pesquisa, aqueles que serão os leitores de sua pesquisa (que nem sempre coincidem!), mas também com aqueles que, mesmo ausentes, sobredeterminam todo o processo: são os pares da academia, os pares do mundo da pesquisa”. Nesse sentido, a questão posta é buscar estabelecer um limite entre as exigências acadêmicas; a variedade linguística condizente com o referencial teórico e com a escrita do gênero acadêmico.

Há que se encontrar um ponto de coerência que permita ao pesquisador indígena e ao pesquisador de questões indígenas um pouco mais de autonomia relacionada aos propósitos da pesquisa e de seus resultados. Questiona-se tanto a democratização da língua nas diferentes variedades por meio das quais esta é posta em funcionamento, mas a academia ainda se enrigece em determinados posicionamentos que dificultam a expressão de funcionamentos e funcionalidades diferentes do padrão conhecido e, logo, adotado pelo cânone acadêmico.

Diante deste desafio, uma das preocupações neste texto é aliar uma fundamentação teórica que dê conta do objeto de estudo, que seja aprovada pelo meio acadêmico e pelo público leitor professor Terena e demais estudiosos do *idioma*<sup>2</sup>.

Nesse contexto, há pouco material teórico para pesquisa em língua Terena. Após uma extensa reflexão sobre uma filiação teórica condizente com os objetivos propostos, optou-se pela “Semântica Cultural”, doravante SC, segundo a abordagem de Celso Ferrarezi Júnior. Antes, porém, de focar, propriamente, nas questões relacionadas a SC, será descrito o panorama da delimitação do objeto e de sua condução ao que se tornou uma pesquisa, neste momento, ainda em fase inicial.

## 2 ESTUDOS SOBRE A MARCAÇÃO DE POSSE DE NOMES EM TERENA

Sobre a gramática da língua Terena, bem se sabe que, em termos de registro formal acadêmico envolvendo estudos específicos, tem-se: duas gramáticas elaboradas por missionárias linguistas americanas do *Summer Institute of Linguistics*, segundo estas “sob o patrocínio do Museu Nacional, Rio de Janeiro e facilitadas pelo auxílio generoso do então Serviço de Proteção aos Índios e pela Fundação Nacional do Índio”. (Ekdahl e Butler, 1979, p. 09. Destes convênios celebrados entre o SIL e as entidades citadas, resultaram as obras “Aprenda Terêna – Vol. 1 e 2. A inserção das missionárias linguistas, Beth e Nancy, em

---

<sup>2</sup> Este é o termo comumente utilizado pelo Terena.

aldeias de Miranda fez dos principais colaboradores estudiosos de aspectos da Língua Terena, tendo alguns - de contato direto ou indireto com elas - escrito algumas pequenas obras destinadas ao uso didático. Entretanto a fonte de fundamentação destes continua sendo as duas referidas obras. Além destas obras, há uma dissertação, “Descrição fonológica da língua Terena (aruak), de Denise Silva, 2008; uma outra dissertação, “Aspectos gramaticais da língua Terena, de Gardênia Barbosa Nelibaner Nascimento, 2012; a tese também de Denise Silva, a dissertação “Língua Terena: prosódia, semântica e aspectos da prática escolar”, do Mestre Terena, Prof. Aronaldo Júlio. O autor afirma que:

o marcador -ti, que indica que não existe um possuidor específico para o nome a que ele se prende. Por exemplo:

(13) *Usos do sufixo de posse generalizada -ti*

-pâho ‘boca’	mbâho ‘minha boca’	pahô-ti ‘boca de alguém’
-tâki ‘braço’	ndâki ‘meu braço’	takî-ti ‘braço de alguém’
-vô’u ‘mão’	vô’u ‘minha mão’	vo’û-ti ‘mão de alguém’

Como podemos ver nos exemplos acima, o sufixo -ti em Terena indica que um nome inalienável, como uma parte do corpo, está possuído de forma não-específica, sem dizer precisamente qual é a pessoa gramatical (primeira, segunda ou terceira) do possuidor do nome. (Júlio, 2018, p. 50).

O aspecto gramatical que se tornou alvo desta pesquisa, passa, pois, por restrições de fundamentação bibliográfica, a começar por ser distribuído em dois grupos:

- a) Em Butler & Ekdahl (1979, p. 62): já no título da lição 14: substantivos possuídos de forma alienável e inalienável, cujo subitem 14.1 (idem, p. 66) registra:

Os substantivos inalienavelmente possuídos são aqueles de posse obrigatória: *hhêve* ‘a perna dele’, *êno* ‘a mãe dele’. Os substantivos alienavelmente possuídos não precisam de possuidor cáxe ‘dia/sol’, *sopôro* ‘milho’, *hhixôe* ‘vestido’, mas podem ser possuídos: *caxéna* ‘seu dia’, *sápara* ‘milho dele’, *hhíxo* ‘vestido dela’. (idem, p. 66 – *Sic.* Grifamos).

Já na lição 15. (idem, p. 68) é registrado o seguinte título “Substantivos possuídos alienável e inalienavelmente; formação das formas possuídas; -NA ‘possessivo’.”

- b) Nascimento (2012, p. 53-72) discorre detalhadamente sobre o assunto no quinto capítulo intitulado “5. Marcação de posse em Terena”. Nas dezoito páginas do capítulo trata de questões de fonológicas, morfológicas e sintáticas, chegando a mencionar a questão semântica. A autora esclarece que

De acordo com Bickel & Nichols (2011), em algumas línguas que utilizam a marcação de posse no núcleo, certos itens não podem ser utilizados sem que seu status de possuído esteja formalmente marcado. Esta é a razão pela qual uma língua marca a oposição entre nomes obrigatoriamente possuídos e nomes opcionalmente possuídos. Por sua vez, esses dois conceitos são frequentemente relacionados à oposição entre posse alienável e inalienável. (Nascimento, 2012, p. 57-58).

Sobre as questões semânticas anunciadas, a autora explica que “a posse inalienável é realizada somente por meio das marcas de pessoa.” (idem, p.71), justificando por meio de uma citação “este fato pode ser visto como um ícone da ligação conceitual mais próxima entre possuidor e item possuído na posse inalienável<sup>3</sup>”. (Payne 2002, p. 105 *apud* Nascimento, 2012, p. 72). O que apresenta uma semântica mais gramatical, ou seja, mais voltada aos significados de elementos gramaticais – nos estudos fonológicos, morfológicos e sintáticos.

Já para a questão da marcação de itens alienáveis, a pesquisadora afirma que “Para a marcação de posse alienável, a qual é conceitualmente e espacialmente mais distante do falante, as línguas tendem empregar mais material morfossintático.” (Idem) e se utiliza de Haiman (1983, p. 782) para justificar a chamada hipótese da iconicidade: “a distância linguística entre expressões corresponde à distância conceitual entre eles<sup>4</sup>”.

Essas citações para justificação do fato de língua em questão, ao mesmo tempo que, de certo modo responde à carência de justificativa, também nos desloca para um outro campo de interpretação. Diante do fato de professores e estudiosos da língua Terena, incluindo professores de língua Terena, não estaríamos diante de uma observação feita por Orlandi ao pensar a situação da produção de conhecimento brasileiro?

Por exemplo, os modelos de análise de línguas indígenas são aqueles que, embora se inscrevam na antropologia linguística, perpetuam a indiferenciação ou, mais que isso, promovem o apagamento e a remissão do diferente ao mesmo, isto é, o apagamento da especificidade nas línguas indígenas em relação às línguas ocidentais (o inglês, o latim, etc.). (Orlandi, 2008. p. 41)

- c) Dias (Páginas 43 – 44), descreve questões morfológicas sobre marcadores de posse sem entrar na questão dos termos “alienados/inalienados”, conforme pode ser observado a seguir:

---

<sup>3</sup> Tradução do inglês: “This fact can be seen as an icon of the closer conceptual link between possessor and possessed item in inalienable possession.” “

<sup>4</sup> Tradução do inglês: “The linguistic distance between expressions corresponds to the conceptual distance between them.”

## PRONOMES POSSESSIVOS

Regras para 1ª pessoa (Mudanças de letras)

T para Nd,  
S para Nz,  
K para NgP para Mb,  
H para Nj ou Nz  
X para Nj.

43

- IPOVÓTI: ÍMBOVO (USO CORPORAL) TIRA-SE TI
- LÁPI: LÁMBINA (USO MAIS EXTERNO) ACRESCENTA-SE NA
- TELEVÍZAUM: TELEVÍZAUNA ÛNDI (OBJETO NÃO CONHECIDO PELO INDÍGENA) ACRESCENTA-SE NA + ÛNDI
- EXISTEM OUTRAS PALAVRAS QUE SÃO EXCEÇÃO ÀS ESSAS REGRAS

IPOVÓTI	LÁPI	TELEVÍZAUM
ÍMBOVO	LÁMBINA	TELEVÍZAUNA ÛNDI
ÍPEVO	LEÁPINA	TELEVÍZAUNA ÍTI
ÍPOVO	LÁPINA	TELEVÍZAUNA
VÍPOVO	LÁPINA ÛTI	TELEVÍZAUNA ÛTI
ÍPEVONOE	LEÁPINANOE	TELEVÍZAUNANOE ÍTI
ÍPOVOHIKO	LÁPINAHIKO	TELEVÍZAUNAHIKO

Nesse sentido, algumas questões semânticas pairam sobre este assunto, a se iniciar pelo uso dos referidos termos, ou seja, o que, realmente, esses termos demarcam? Segundo Nichols,

Os termos *alienado* e *inalienado* são padronizados e comuns na descrição da língua norte-americana e do Pacífico, e seus equivalentes russos são padrões na gramática soviética contemporânea. As primeiras contribuições norte-americanas usam outros termos. (por exemplo, inerente vs. acidental em Dixon 1910, transferível em Swanton 1911 b. separável e inseparável em Frachtenberg 1922 inerente vs. adquirido em kroeber & Grace.

Algumas gramáticas documentam oposições sem propor rótulos. Se os termos alienado e inalienado são bastante utilizados na literatura, sua referência é bastante variável. Eles são usados para se referir a uma ampla gama de tipos estruturais e a uma gama considerável de propriedades semânticas, algumas delas irredutíveis a qualquer denominador comum. (Nichols, 1988, p. 561)

De certo modo, pode não ser um problema tão grande assim, sendo uma questão de nomenclatura, se “o signo é arbitrário” (Saussure, 1995, p.100). por outro lado, há questões semânticas mais amplas, possivelmente relacionadas a essas lacunas. Em termos de conhecimentos sobre as questões gramaticais, conforme já mencionado, há esclarecimentos satisfatórios. Há pesquisadores de renome ocupados de estudos linguísticos da família arwak ou arawak. O professor Angel Corbera Mori, por exemplo, em uma pesquisa sobre características tipológicas de algumas línguas da família arawak (arawak central e arawak meridional) explica que

Uma outra característica das línguas arawak se relaciona com a forma de se estabelecer a posseção nominal. Os nomes definidos pelo traço *inalienável* são obrigatoriamente possuíveis e aqueles que não o são definem-se como *alienáveis*. Os inalienáveis, ao ocorrerem sem o possuidor, são marcados por um sufixo que Payne (op. cit.) chama ‘absoluto’. Esse sufixo é conhecido por outros autores como ‘possuidor não especificado’ (Richards, 1973) ou ‘impessoal’ (Aikhenvald, 2001). Segundo Payne (1991:379) o sufixo ‘absoluto’ “in most Maipuran languages [...] occurs in the unpossessed form of most inalienable possessed nouns...”. Os nomes alienáveis não são obrigatoriamente possuíveis, mas, ao se estabelecer uma relação de posse, eles são marcados pelos prefixos pronominais de pessoa e por sufixos de posse. Esses sufixos são formas supletivas e determinam-se lexicalmente em todas as línguas arawak (...). (Corbera Mori, 2005, p. 264. Grifamos).

O que ocorre de modo semelhante na língua Terena falada no Mato Grosso do Sul.

### 3 MARCAÇÃO DE POSSE E SENTIDOS PARA FALANTES DE LÍNGUA TERENA: DELIMITAÇÃO DE UM OBJETO

Em sua “Aprenda Terena”, Beth e Nancy<sup>5</sup> falam em “lacunas” (Butler e Ekdahl 1979, p. 11). Nesse sentido, reiteramos haver sim várias lacunas que incomodaram o pesquisador Terena, motivando esta pesquisa. Esta pesquisa se inicia na busca por respostas semânticas que tragam luz sobre o registro de posses dos nomes Terena. As lições de “Aprenda Terena”, mais voltada ao ensino e às comunidades Terena, descrevem bem o uso. A descrição mais acadêmica em “Aspectos gramaticais da língua Terena”, atendem muito bem esse propósito teórico.

Apesar disso, para falantes Terena, aqui representados por professores<sup>6</sup>, ainda falta algo.

**CPLTF<sup>7</sup>- 01-** Uma situação que eu tenho comigo há anos, em relação às palavras que têm o termo de posse, algumas delas têm e outras não o sufixo *-na*, na língua Terena e esse sistema de posse que tem o prefixo na língua Terena. Eu sempre me perguntava por que que tem *-na* em algumas palavras possessivas e por que que não tem *-na* em algumas palavras possessivas, sendo que na tradução todas ficam com termo de posse *meu* ou *minha*. Por exemplo, se eu quero falar faca, na língua portuguesa, faca, ele pode ser de qualquer um. Eu quero falar ... ter posse na língua portuguesa eu tenho que colocar minha, minha faca. E faca na língua Terena é *piritau*, mas eu quero falar minha faca na língua Terena, aí eu tenho que falar *mbritauna* (e tem o *-na* no final e *-mb*, *mbritauna*) só que tem algumas palavras que é termo de posse quee, ela não tem o *-na* no final, mas mesmo assim, na tradução, ela é termo... ela fica como 1ª pessoa. Por exemplo, eu quero falar... ée *onju*, *oxu* é avô, *onju*, meu avô e não tem o *-na* no final, não pode se falar *onjuna*, por exemplo, e aí...eu tinha comigo que ...que era questão de alienação: palavras alienáveis e não alienáveis. Eu não posso falar *onjuna* porque só *onju* já é o correto de falar na língua Terena de falar meu avô. E já algmas palavras é... obrigatoriamente tem que ter o *-na*, pra poder ser posse, que nem o *piritau*, tem que falar *piritauna*, tem que ter o *-na* pra mim ter posse. Entendeu? Aí me surgiu aquelas palavras: alienáveis e outras que não são alienáveis.

**CPLTF- 02-** Realmente é uma questão muito interessante para verificar. Eu não, eu não... eu não consigo responder a senhora agora, porque eu nunca tinha pensado nisso; né? Eu estava pensando,

<sup>5</sup> Optamos por nos referir às autoras desta forma para priorizar o entendimento do povo Terena.

<sup>6</sup>

## Educação Escolar Indígena: sentidos, língua e história

Endereço para acessar este espelho: [dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/84448413339926261404824](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/84448413339926261404824)

<sup>7</sup> Sobre a sigla utilizada antes do discurso: Colaborador Professor de Língua Terena Falante do idioma.

eu estava estudando exatamente a questão gramatical; né? Sobre a questão do pronome e também na questão de.. da marcação da posse; né? Que é o *-na*. Nessa questão, ée.. eu tenho que verificar, entender ou a gente estudar junto isso aí; né? Porque realmente.. eu entendi, qual é a observação (...). Eu acho que tem explicação pra isso sim, só quee.. eu não saberia dizer; né?; qual que é a marca da posse, dentro desse termo que a gente utiliza; né? Porque no.. na sistematização do estudo da língua.. da língua Terena, eu só sei ainda explicar; né? (rsrs) que existe o pronome.. ée... que envolve os pronomes e ao mesmo tempo eu entendi que quando não, não é termos que utilizam a nasalização, a gente usa o termo *-na*, pra dizer pra dizer que é meu, que é seu, sua; entendeu? Eu vou ée... dar uma estudada nessa questão, rever algumas... rever alguns.., mas eu acho que não tem não nenhuma literatura da língua Terena que fala sobre isso. A gente precisa descobrir junto essa questão porque... eu achei muito interessante essa observação, é muito legal! Eu vou tentar achar alguns pontos importantes, alguns pontos que indica para isso; entendeu? Mas é muito legal! Eu achei muito interessante! Eu prometo que eu vou tentar entender essa questão.

Deve ter uma explicação muito interessante sobre isso, porque eu tava vendo o texto (...) e pensando.. sabe? O meu milho ou o meu milharal, ela não é, não faz parte do corpo; né? É um.. é uma questão que eu posso dizer ée... meu milharal, meu milho.. a gente usaa *nzápara*. Ela não tem o *-na*. (meu milho) igual *mbovótina*, *mbovótina*, eu poederia dizer... *mbovóti*, é uma palavra nasalizado, mas ela precisa de *-na* pra dizer que é meu, dá posse; né?; agora *nzápara*, ela não precisa ter o *-na*. Entendeu? (balbúcios) quando se utiliza o *-nza*, já tem o..o pronome: meu ou minha; né? Isso é muito interessante!

**CPLTF- 03** – Penso que, quando é pessoal, não é necessário. Agora, quando é objetos ou uma outra coisa fora de mim, é necessário, porque ée.., se for um diálogo com uma pessoa; né? Por exemplo: minha mesa, *menzána*, você não vai falar sozinha, você vai ter de tá falando com uma pessoa. Eu acho que é em termos de diálogo. Ah, vem aí: vamo pensar junto!! Eu penso assim de que, quando é pessoal; tá bom?

**CPLTF - 04-** A língua terena Terena não tem artigo definido, que nem na língua portuguesa. Não usamos as letrinhas para definir o gênero, que é *-nj*, *-nd*, *-ng* para definir a posse.

**CPLTF - 04-** Eu entendi que.. a presença do *-na*, é pra algo um pouco mais distante da gente, por exemplo, objetos; né?; dinheiro, lápis, caderno, então usa-se o término, oo *-ná*; né? Enquanto que aquilo que a gente usa; né; e também a parte corporal, ao invés da gente usar o *-na*; né?, a gente tira o *-ti*; né? E aí reduz as palavras; né?, substantivo; né? Então é isso que eu observei. Mas existem algumas exceções também; né? Essa regra que eu entendi. Isso é uma coisa praa.. a gente tá aprofundando nos estudos também, juntamente com os demais falantes; né? Realmente é um campo aberto aí pra gente ter essa pesquisa; né? Mas o meu entendimento pra essas partes básicas aí é isso; né?

Diante do exposto, principalmente duas questões chamam muito à atenção: em primeiro momento, entre os falantes, escolarizados, todos com no mínimo pós-graduação, e professores, não tem havido um consenso. Em segundo momento: “Qual é o critério que define que uma palavra é alienável ou inalienável?”. Sobre os nomes que indicam parentesco, a justificativa parece estar posta, de modo semelhante, as palavras que fazem referência a partes do corpo. Então, repetiremos uma explicação citada anteriormente “este fato pode ser visto como um ícone da ligação conceitual mais próxima entre possuidor e item possuído na posse inalienável”. (Payne 2002, p. 105 *apud* Nascimento, 2012, p. 72). Entretanto, qual seria o instrumento de medida desta proximidade? E, mais: há outros grupos de palavra envolvidos na relação de posse que, do mesmo modo não estão compreendidos. É Nascimento (2012) quem apresenta mais informações sobre realização de posse em língua Terena. Porém a própria autora adverte que

Os itens que prototipicamente pertencem à classe dos inalienáveis compreendem *termos de relação de parentesco* e *partes do corpo*. No entanto, o conceito de inalienável é bastante variável entre as culturas, pois pode haver um mismatch em virtude do fato de que itens que deveriam pertencer a uma classe são agrupados em outra. (Nascimento 2012, p. 58-59. Grifamos).

Em poucas páginas à frente, evolui para: “Em Terena não marcados como itens de posse inalienável itens que se referem a *partes do corpo*, nomes que denotam *relação de parentesco*, e itens referentes a *utensílios domésticos*, dentre outros”. (Nascimento 2012, p. 66).

Note que a autora acrescenta à lista uma nova categoria: *utensílios domésticos*, deixando em aberto para outras possíveis ocorrências de nomes tomados como inalienáveis.

Já em Butler e Ekdahl (1979, p. 179) outro tipo de categoria é apresentado: “A posse é inalienável (partes do corpo, termos de parentesco, *substantivos derivados*.”.(Grifamos).

Apesar da excelência dos trabalhos apresentados, essa sequência de citações já são suficientes para ilustrar uma certa incompletude ou algumas lacunas a serem preenchidas por meio de levantamento de novos dados e, quem sabe, pelo uso de outra lente científica, que possa contribuir para mais esclarecimentos. Os dados até aqui exploraram motivações fonológicas e/ou morfológicas para o tratamento dos dados e para compreensão da marcação de posse. Nesse sentido, entendendo a gramática de uma língua compreendida nas realizações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas, além das interrelações entre esses quatro componentes linguísticos, propomos estudos semânticos abertos à, considerada por alguns, exterioridade da língua.

Em meio a essas reflexões, indagações e lacunas,

#### **4 A SEMÂNTICA CULTURAL E A MARCAÇÃO DE POSSE EM LÍNGUA TERENA: UM OUTRO OLHAR**

Diante dos estudos pautados, mais especificamente, em fonologia, morfologia e sintaxe, percebemos espaço para estender o campo de estudos de semântica. Outro fator que motiva essa tomada de posição teórica está na forte relação entre o povo Terena e a própria cultura.

O corte Saussuriano<sup>8</sup>, pela dicotomia língua X fala, exclui o falante e o que a ele se relaciona. Entretanto o desenvolvimento dos estudos linguísticos engloba concepções variadas. Em sua obra “O que é linguística”, Eni Orlandi traz um panorama sobre o processo dos estudos linguístico nas diversas épocas. Para a linguista,

---

<sup>8</sup> Optou-se iniciar por Saussure por ter conferido à linguística *status* de ciência da língua, não desconsiderando haver estudos sobre língua(s) que o antecedem.

(...) há, na trama histórica que enreda o pensamento linguístico, duas tendências principais. Uma que se ocupa do percurso psíquico da linguagem, observando a relação entre linguagem e pensamento. Busca o que é único, universal, constante. É chamada de formalismo. A outra é o sociologismo, que se aplica em estudar o percurso social, explorando a relação entre linguagem e sociedade. Procura o que é múltiplo, diverso e variado.

O posicionamento nesse segundo grupo traz fundamentação teórica para o estudo analítico de um objeto linguístico na relação de interlocutores com o espaço, o tempo e a cultura, dentre outros fatores possíveis. Isto proporciona estudar a língua real, em situações reais, ou seja, a língua que se realiza se realiza na interrelação entre sujeitos socialmente organizados.

Pensar a língua desse modo, abre espaço para a compreensão de que a língua é semiautônoma, ou seja, há uma parte inerente à língua que se organiza por si, a exemplos de perdas ou acréscimos de fonemas que não são combinados por falantes para se consolidarem em um léxico, ou palavras que perdem sua força de circulação e desaparecem. Logo, (...) a língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma” (Orlandi, 2009. p. 19). Ela, a língua, não é totalmente autônoma porque é sujeita ao equívoco, à ideologia. (idem).

Essa divisão, que atravessa a história da linguística, apõe os partidários de que existe uma ordem interna, própria da língua, àqueles que defendem a ideia de que essa ordem reflete a relação da língua com a exterioridade, incluindo suas determinações históricas e sociais. Nós vamos ver que, embora os estudos linguísticos se desenvolvam em várias direções, acabam sendo atravessados e definidos por essas tendências conflitantes: a formalista e a sociologista. (Orlandi, 2009, p. 17)

Neste cenário de tendências conflitantes, Câmara Júnior, em sua “Introdução às línguas indígenas brasileiras” vem aproximar a língua e o extralinguístico. A figura apresentada a seguir, ilustra a concepção do autor sobre esse aspecto:

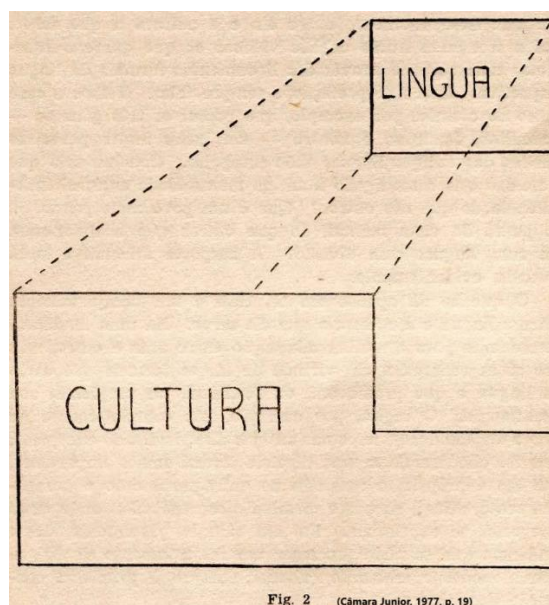


Fig. 2 (Câmara Júnior, 1977, p. 19)

Interessante fundamentação para a relação entre língua e cultura demonstrando a visão desse linguista, precursor nos estudos linguísticos e nos estudos de línguas indígenas no Brasil. Ou seja, a linguística, para dar conta de questões da língua Terena precisa ser uma linguística que estabeleça relação entre cultura e língua. Observe-se:

A língua se apresenta, pois, como um microcosmos da cultura. Tudo que esta última possui, se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural. Quando um etnólogo vai estudar uma cultura, vê com razão na língua um aspecto dessa cultura. Neste sentido, é o fragmento da cultura de um grupo humano a sua língua. Mas, como ao mesmo tempo a língua integra em si toda a cultura, ela deixa de ser esse fragmento para ascender à representação em miniatura de toda a cultura. E mais ainda como elemento da cultura, a língua apresenta o aspecto muito curioso de não ser em si mesma um a coisa cultural de per si, à maneira da religião, da organização da família, da arte da pesca etc.; ela apenas serve dentro da cultura como seu meio de representação e comunicação. É o que podemos indicar esquematicamente, imaginando um retângulo que simbolize a cultura e onde uma seção simbolize, por sua vez, a língua. Esta, na realidade, vai se apresentar separada da cultura, que toda se projeta nela (veja-se fig. 2). Fica assim a língua como a representação em miniatura de toda a cultura de um povo. Essa sua qualidade de representar a cultura e de todo um mundo cultural ser visto e expresso através dela cria na língua um elo com a cultura, muito amplo e muito profundo. (Câmara Junior, 1977, p. 18).

Sem maiores preocupações dimensionais sobre quem é o micro ou o macrocosmo, o ponto a se destacar é a interrelação entre a cultura e a língua ou vice-versa.

Diante disso, pareceu melhor atender o objeto posto nesta pesquisa, a Semântica Cultural, doravante SC: “De forma mais simplificada, podemos dizer que a SC estuda a formação e a atribuição dos sentidos na relação entre uma língua e a cultura em que essa mesma língua é utilizada. (Ferrarezi, 2013, p. 70).

Ferrarezi tem fortalecido esse relativamente novo campo teórico utilizando-o como arcabouço teórico para o desenvolvimento de suas pesquisas e também por meio de divulgação de informações e funcionamento dessa semântica. O autor traz em “Semântica, Semânticas” um argumento fundamentado no aprimoramento da tradução por inteligência artificial.

A popularização da informática e o fracasso parcial dos primeiros tradutores automáticos, bem como os percalços encontrados nas diferentes tentativas de comunicação global entre povos de diferentes línguas e culturas, foram fatores que acabaram demonstrando que os sistemas linguísticos sofriam a determinação de outros fatores além de sua estrutura puramente gramatical e das possibilidades de reduzi-los a formatos lógicos. Percebe-se, por exemplo, que uma mesma palavra de uma mesma língua funciona bem com um sentido x em um grupo de falantes e, simplesmente, não funciona com esse sentido em outro grupo de falantes da mesma língua. Esse parece ser um fato simples, corriqueiro e que nem nos damos conta direito, mas é um grande problema para alguém que está tentando utilizar um tradutor ou mesmo um simples dicionário. Assim, tornou-se necessário voltar a atenção para aspectos culturais, antes considerados totalmente externo ao sistema, e analisar como esses aspectos acabavam interferindo na compreensão dos enunciados. (Ferrarezi, 2013, p.73.)

Em tempos de globalização, não existe a hipótese de desconsiderar essa leitura de mundo. Nesse sentido, a busca por estratégias de tradução automática e a travessia de fronteiras para relação entre povos

de diversas sociedades comprovou que a realização efetiva de uma língua não se dissocia daquilo que se considera(va) exterioridade.

Esse impulso dado pela necessidade de encontrar respostas que realmente funcionassem quando se tratava de tradução automática e da intercomunicação entre povos agora ligados pela internet acabou por alavancar as vertentes de estudos da relação língua e cultura e proporcionar um enorme crescimento nesses últimos anos. Hoje, sabemos, entre outras coisas, que a cultura de uma comunidade não apenas interfere na atribuição de sentidos de uma palavra, mas interfere até na própria estrutura gramatical da língua que ali é falada. (Ferrarezi, 2013, p.73.)

Outro posicionamento caro da SC ante o problema que motiva esta pesquisa, e que ampara uma hipotética possibilidade de mudança de propósito de uso da posse dos nomes em língua Terena - ou de significação passível de ser encontrado, ainda que a situação fono ou morfológica das palavras não tenha se alterado, é que “A estrutura de uma língua natural não é uma herança pura e simples de gerações anteriores e muitos menos um amontoado de construções baseadas em regras puramente gramaticais”. (Ferrarezi, 2013, p.73.). Ou seja, pode sim haver determinante(s) semântico(s) para um possível reagrupamento de substantivos possuídos.

Em termos de aceitação dos pares, conforme observado em Geraldí, anteriormente, a chamada “prima pobre”, a semântica, e mais especificamente aqui a SC, encontrou seu reconhecimento numa área rica, a computação, conferindo-lhe *status*, o que, se (ainda) não iguala a credibilidade de seu arcabouço teórico ao da fonologia, morfologia ou sintaxe, já sustenta sua eficácia teórica.

Hoje, estudo de Morfologia e Sintaxe ou de Fonética e Fonologia, por exemplo, acolhem mais facilmente explicações de natureza cultural do que há duas décadas. Outras vertentes, como análise do Discurso, que já levava muito em consideração a cultura ainda mais esse aspecto em suas abordagens. Em outras palavras: pouco a pouco a SC ganha espaço entre as demais vertentes da Linguística, não apenas conquistando adeptos, mas se solidificando como uma vertente de estudo útil, altamente descritiva e bastante complexa da análise das línguas naturais. (Ferrarezi, 2013, p.73.).

Ao se tomar um fato de língua, de uma língua indígena, em uma sociedade preconceituosa como a nossa, de saberes cristalizados e europeizados, o primeiro obstáculo pode ser o campo teórico. Note-se que os textos base que aparecem na fundamentação fonético-fonológicas ainda hoje são da língua inglesa, quando mais próximos, americanos. Por que, se a obra de Matoso Câmara, resultado de material de aulas dadas no Museu Nacional, teve sua primeira edição em 1965? A produção científica de qualidade brasileira não teria de desenvolver? Uma ciência nova pode ser um espaço para maior consideração da produção nacional. Não se trata de uma campanha nacionalista, mas de credibilidade à ciência brasileira.

Sobre o conceito de língua, por exemplo, “Nos estudos de SC, naturalmente, se adota a premissa de que o conceito de língua natural é em si o princípio da construção teórica, pois esse conceito é que norteia a abordagem do objeto de estudo”. (Ferrarezi. 2013. p. 74).

Nessa perspectiva de (re) considerações e filiações, a SC conversa com a Semântica de Contextos e Cenários, que, em boa medida, possibilitará enquadramentos de determinados usos ou realizações da língua Terena. A citação a seguir é longa, mas considerada importante nesse momento de tateamento teórico para a realização desta pesquisa.

Uma das visões correntes que eu adoto – conhecida como Semântica de Contextos e Cenários, diz que uma língua natural pode ser entendida como um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos. Esse conceito de língua abrange os mais diversos aspectos gerativos ligados à cognição humana, que, nessa vertente de estudos, não são abordados. Senão vejamos:

- **Sistema** – aspectos estruturo – funcionais
- **Algo socializado** – aspectos sociolinguísticos
- **Algo culturalmente determinado** – aspectos antropro-culturais
- **Forma de representação** – aspectos semântico-pragmáticos
- **De mundos e seus eventos** – aspectos referenciais e criacionais (como criamos nossos mundos usando a linguagem). (Ferrarezi. 2013. p. 74).

Conforme já anunciado, essa pesquisa envolve pesquisadores posicionados com um pé na academia e outro na escola. Sendo assim, os resultados das pesquisas desenvolvidas têm por objetivo também a produção de material didático – ou, no mínimo, lançar luz sobre o entendimento do professor de língua Terena.

Não é sem razão que a sc tem uma grande importância na compreensão dos fatos mais básicos da língua materna e, portanto, fácil aplicação pedagógica, sendo utilizada – já hoje em dia e com bastante sucesso – no ambiente educacional, inclusive no nível da educação básica. (Ferrarezi. 2013. p. 75).

Como dito, esta pesquisa está em fase inicial, logo, não há o que se dizer em considerações finais. Entretanto, pode-se apontar ao público interessado uma certa movimentação na direção da busca por respostas que preencham as lacunas que iniciaram este projeto. O que equivale a dizer que, para a concepção adotada nesta nova fase de estudos sobre a língua Terena, “Existem princípios norteadores desse processo, tanto princípios intralinguísticos (da própria gramática da língua) como princípios da relação entre a língua e a dimensão extralinguística (princípios da relação entre a língua e os demais fatos culturais). (Ferrarezi. 2013, p. 76)

O pesquisador contemporâneo da Família Aruak, Angel Corbera Morri, observa que:

Richards (1973), em sua análise da posse nominal em Waurá, divide os nomes em três classes: 1) obrigatoriamente não possuídos, 2) obrigatoriamente possuídos, 3) opcionalmente possuídos. Os itens da classe (2) e (3) podem ser diferenciados em termos de posse inalienável e alienável, respectivamente. Em ambos os casos, esse conjunto de itens, ao ocorrerem numa relação de posse, são marcados pelos prefixos pronominais de pessoa. Contudo, os da classe (3) devem adicionalmente ser subcategorizados por sufixos ou suprafijos que indicam posse. (Corbera Mori, 2005, p. 266).

#### 4.1 BREVE ILUSTRAÇÃO DA REALIDADE NA LÍNGUA TERENA HOJE

Quadro de construções possessivas com marcador MB em palavras inalienáveis - Partes do corpo humano. Mudança de [P] ~ [MB]<sup>9</sup>

1ª pessoa do singular	2ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular
Mbâho – minha boca	Peáho – sua boca	Pâho – boca dele
Mbûyu- meu joelho	Piúyu – seu joelho	Pûyu – joelho dele
Mbukúna – minha panturrilha	Piukúna – sua panturrilha	Pukúna – panturrilha dele

Quadro de construções possessivas com marcador ND em palavras inalienáveis - Partes do corpo humano. Mudança de [t] ~ [nd]

1ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	2ª pessoa do singular
Ndôri – meu calcanhar	Teóri – seu calcanhar	Tôri – calcanhar dele
Ndâki – meu braço	Teáki – seu braço	Tâki – braço dele
ndulípoke – meu cotovelo	Telípoke – seu cotovelo	Tulípoke – cotovelo dele

Quadro de construções possessivas com marcador NG em palavras inalienáveis - Partes do corpo humano. Mudança de [k] ~ [ng]

1ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	2ª pessoa do singular
Ngêno – minha orelha	Kîno - Sua orelha	Kêno – Orelha ou orelha dele(a)
Ngîri – meu nariz	Kirîti - Nariz	Kîri – nariz dele (a)
Ngutéhi – minha panturrilha	Kitéhi – sua panturrilha	Kutéhi – panturrilha dele (a)

Quadro de construções possessivas com marcador NJ em palavras inalienáveis - Partes do corpo humano. Mudança de [h/x] ~ [nj]

1ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	2ª pessoa do singular
Njêve- Meu pé	Hivi- seu pé	Hêve- pe dele (a)
Njurókuno- minha coxa	Xirókuno – sua coxa	Xurókuno- coxa dele(a)
Njá'a: meu peito	Xeá'a: seu peito	Xâ'a- peito dele (a)

Quadro de construções possessivas com marcador NZ com palavras inalienáveis - Grau de parentesco. Mudança de [h/s] ~ [nz]

1ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	2ª pessoa do singular
Nzá'a – meu pai	Yá'a – seu pai	Há'a – pai/ pai dele (a)
ônze – minha avó	Yóse - sua	Ôse – avó dele (a)
Nzinéna – minha nora		Sinéna - sua nora

Quadro de construções possessivas com marcador MB em palavras alienáveis - Palavras diversas - Mudança de [p] ~ [mb] com sufixo marcador de posse [na]

1ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	2ª pessoa do singular
Mbahápetina – minha porta	Peahápeti – sua porta	Pahápeti – porta dele
Mbirítauna – minha faca	Piríteuna – sua faca	Pirítai – faca dele
Ambâkana – meu fígado	Yapakâna – seu fígado	Apâka - fígado

<sup>9</sup> Consoantes pré-nasalizadas.

Palavras nas quais ainda não se enquadram o sufixo –na- e que não fazem parte da regra sobre partes do corpo humano e grau de parentesco:

Ovókuti – casa	Óvongu – minha casa
Porôti - calça	Mbôro – minha calça
Repénoti - camisa	Rembéno - minha camisa
Vohí'u- cobertor	Vonjí'u – meu cobertor

Com o surgimento de pesquisadores Terena na atualidade, falantes ou familiares de falantes mais velhos da própria língua materna tem sido possível observar com um pouco mais de clareza tais fatos de língua, ou de mudança na língua. Situação que requer novas pesquisas e/ou reformulações teóricas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Difícil pensar em considerações finais para um texto que resulta de uma pesquisa inicial. O que se pode afirmar aqui é que há consenso sobre a necessidade de mais pesquisas sobre a Língua Terena. O quadro teórico sobre a marcação de posse requer uma atualização. Há ainda que se aplicar áreas da linguística, ou teorias linguísticas, que colaborem para a busca de respostas às lacunas apontadas nessa língua.

A partir do exposto e de outras questões, alguns pesquisadores Terena, vêm trocando ideias e levantando possíveis hipóteses, movimentando-se na direção de levantamento de dados, estudos linguísticos, pesquisas... Ou seja, tem havido um esforço Terena nesse sentido em um campo enorme de trabalho.

De nossa parte, estamos iniciando uma trajetória árdua, porém prazerosa por participar dessa construção de novos registros dessa Língua, que carrega em sua fonologia, morfologia, sintaxe e semântica uma riquíssima expressão da cultura, da história e da identidade deste povo, que é parte de nossa história enquanto brasileiros e/ou originários das Nações Indígenas deste Território, cujo nome se escreveu com sangue, sobre muitos apagamentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Elisângela Leal da Silva. **O(s) sentido(s) de ser brasileiro para indígenas Terena**. 2024. 1 recurso online (181 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/23143. Acesso em: 5 ago. 2025.

Butler, N. E., & Ekdahl, E. M. (1979). *Aprenda Terena*, vol. 1. Brasília: SIL. (Versão online com atualização da ortografia em 2012, disponível em:

<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/educ/AprTE-V1.pdf> NICHOLS, Johanna. On alienable and inalienable possession. In: BUTLER, N. E.; EKDAHL, E. M. *Aprenda Terena*. Vol 2. Anápolis-GO: Associação Internacional de Linguística- STL Brasil, 1979

Corbera Mori, Ángel. (2005). A posse nominal em línguas arawak do sul e arawak central: uma abordagem descritiva. *Estudos Linguísticos*, 34, 263-268

DIAS, Arcenio Francisco. *Koyuhópoti Vemó'u*. Rio de Janeiro: RGA. 3ª Edição 2024.  
*Semântica, semânticas : uma introdução / organizadores Celso Ferrarezi Junior e Renato Basso*. – 1. ed.,  
1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2019

JÚLIO, Aronaldo. *Língua Terena: prosódia, semântica e aspectos da prática escolar*. 2018. 110 f.  
Dissertação (Mestrado em Linguística e Línguas Indígenas) - Museu Nacional, Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

*NASCIMENTO, Gardenia Barbosa Neubaner. Aspectos gramaticais da língua Terena*. Dissertação de  
Mestrado. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8 ed. Campinas: Pontes,  
2009.

*Orlandi, Eni Puccinelli, 1942-. O que é linguística / Eni Puccinelli Orlandi*. — 2. ed. -- São Paulo :  
Brasiliense, 2009. -(Coleção primeiros passos ; 184).

SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique Générale*. Payot, 1995.

SHIPLEY, William (Ed.). *In honor of Mary Haas*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1988, p. 557-609.

SILVA, Denise. *Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário bilíngue terena-  
português*. 2013. 292 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual  
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara).